

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// O Espírito Santo é um dos Estados mais violentos do Brasil, daí a necessidade de todos se juntarem e se lançarem a uma cruzada contra o crime

Estado perigoso

Tenho escrito de forma sistemática com relação ao banditismo desenfreado que ocorre no nosso Estado. Sinceramente, julgo desnecessárias as minhas críticas, porque elas não encontram a necessária ressonância nas autoridades, que deveriam estar estudando mecanismos capazes de inibir a circulação dos promotores da violência que tanto nos assusta.

Um expressivo volume de cidadãos responsáveis acha, por exemplo, que a maior idade para um jovem ser preso, julgado e condenado seria 16 anos, sem dó nem piedade. Se ele tem ímpetos de matar, roubar, sequestrar, não se mostra constrangido quando preso, arrependido, nada; uns até alardeiam sua determinação de matar e pouco estão preocupados com a presença de policiais, numa demonstração de que estão certos de que seus atos criminosos não os alcançarão, devido serem menores de 18 anos.

Não se sabe por quê, as

minorias no Brasil estão deitando e rolando nos seus atos de proteção à impunidade, sob a alegação de “direitos humanos”, quando eles, os marginais, jamais terão nada a nos oferecer em termos de direitos humanos.

Temos que confessar, o Espírito Santo é um dos Estados mais violentos do Brasil, daí a necessidade de todos se juntarem com seus problemas e se lançarem a uma cruzada contra o crime. Nossas autoridades, de uns tempos para cá, vivem como que eletrizadas para criar uma febre de empregos públicos, como se essa mágica estivesse em marcha, sem retorno, criando uma ilusão de desenvolvimento, como se a marginalidade não precisasse trabalhar, bastando pilhar o cidadão ordeiro que está cuidando de sua vida e da sua família.

Recentemente, o governador Casagrande mudou o secretário de Segurança. O negócio não é bem substituir o homem, apenas, mas saber se o substituto tem alguma coisa na cabeça que possa ter valido a pena trocar. Sabe-se que a área de Segurança Pública é muito séria, envolve questões do Estado, daí a necessidade de se colocar ali não só um truculento, de cara feia, mas um sujeito inteligente que vá buscar, através de medidas práticas, mecanismos para dar segurança à população.



José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço
E-mail: jccorrea@redegazeta.com.br

/// As mães nunca vão embora. Mesmo quando elas já não estão conosco, elas estão próximas, nos ajudando a enfrentar as dificuldades da vida

Missão de Deus

A cada dia fico mais encantado com as mães. Talvez porque esteja presenciando uma mãe de primeira viagem se dobrando em cuidados, carinhos e dedicação à filhinha recém-nascida. Talvez porque ainda esteja vivendo a emoção da notícia da primeira gravidez da minha filha. São duas as Marianas, a que amamenta com tanto amor a Nalu e a que exhibe, toda feliz, a primeira ultrassonografia em que o neném não é maior do que um ponto.

O meu encantamento, contudo, vai além das duas Marianas. Ele está presente também quando vejo o brilho dos olhos das minhas sobrinhas, sempre atentas às correrias e brincadeiras dos filhos, ainda crianças, nas comemorações dos aniversários. Ele está na admiração que tenho pelas mães preocupadas com o destino dos filhos adolescentes expostos aos perigos do mundo. Vejo esta mesma atenção e a mesma preocupação nas mães-avós com relação aos filhos próximos ou distantes.

Penso – não, tenho certeza – que as mães têm superpoderes. Só com superpoderes alguém pode fazer tantas coisas ao mesmo tempo: amamentar, cuidar do banho, das fraldas, da roupinha, da mamadeira, monitorar todas as reações do bebê... Tudo isso sem se

cansar, quase sem dormir e ainda exibir aquele sorriso afetuoso que só as mães são capazes de ter. E esses cuidados, com as devidas atualizações – preparar as refeições, cobrar o banho, cuidar das roupas, do uniforme e da saúde – se repetem pela vida inteira, mesmo quando o filho, já adulto, sai de casa.

Também tenho certeza de que as mães nunca vão embora. Mesmo quando elas já não estão conosco, elas estão próximas, nos ajudando a enfrentar as dificuldades da vida. Como sei disso, não faço cerimônia em pedir ajuda quando as coisas apertam para o meu lado. Acho que isto não representa um incômodo maior, a julgar pelo olhar de ternura que ela me presenteava quando procurava pela sua compreensão e pelo seu alento.

Voltando às Marianas, eis que me surpreendo lendo textos sobre a primeira gravidez e às mães de primeira viagem. Acabo relembro os cuidados a serem observados pelas grávidas exibidos pelas páginas de “Vida” de A GAZETA como, por exemplo, a importância do acompanhamento médico. Reaprendo as dicas que os especialistas dão às mães que amamentam como escolher uma poltrona confortável em um local calmo e tranquilo, com iluminação e temperatura amenas. Compreendo, mais uma vez, que todos esses cuidados são o mínimo que elas merecem ter. Afinal, este é o início da sublime trajetória de realização da missão que Deus confiou a cada uma delas. Missão a que elas se dedicam todos os dias das suas vidas.